



FLACSO
BRASIL

EDUCAÇÃO E PRÁTICAS COMUNITÁRIAS

Caderno de Projetos

**EDUCAÇÃO ESCOLAR
QUILOMBOLA**

2

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silva, Givânia Maria da

Caderno educação escolar quilombola [livro eletrônico] / Givânia Maria da Silva, Nádia Maria Cardoso da Silva. -- 1. ed. -- Brasília : Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2020. -- (Coleção Cadernos de Projetos Educação e práticas comunitárias: educação indígena, quilombola, do campo e de fronteira nas regiões Norte e Nordeste do Brasil ; 2)

ISBN 978-65-87718-04-0

1. Diversidade cultural 2. Educação 3. Educação - Finalidade e objetivos 4. Educação escolar 5. Educação multicultural 6. Professores - Formação 7. Quilombos - Brasil I. Silva, Nádia Maria Cardoso da. II. Título III. Série.

20-43913

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação escolar 370

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Flacso Brasil

Direção

Salete Sirlei Valesan Camba

Coordenação Acadêmica

Florencia Stubrin

Conselho Acadêmico

André Lázaro

Gustavo Fischman

Julio Jacobo Waiselfisz

Kathia Dudyk

Laura Tavares

Mary Garcia Castro

Miriam Abramovay

Pablo Gentili

Renata Montechiare

Secretaria Acadêmica

Marcelle Tenorio

Equipe de pesquisa

Renata Montechiare - Coordenadora

André Lázaro - Consultor em educação

Karen Kristien - Assistente de coordenação e pesquisa

Fernanda Valesan - Estagiária

Pesquisadoras

Débora Mate Mendes

Givânia Maria da Silva

Laise Lopes Diniz

Kamila Karine dos Santos Wanderley

Karla Fornari de Souza

Nádia Maria Cardoso da Silva

Rita Gomes do Nascimento (Potyguara)

Zuila Guimarães Cova dos Santos

Equipe técnica

Monique Lima - Projeto gráfico

Gabriele Roza - Textos finais

Margareth Doher - Revisão

Apoio

Porticus América Latina

Coleção

Livro

MONTECHIARE, Renata; Lázaro, André (orgs). **Educação e Práticas Comunitárias:** educação indígena, quilombola, do campo e de fronteira nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2020.

Cadernos de Projetos:

Caderno Educação Escolar Indígena, Rita Gomes do Nascimento e Laise Lopes Diniz

Caderno Educação Escolar Quilombola, Givânia Maria da Silva e Nádia Maria Cardoso da Silva

Caderno Educação do Campo, Karla Fornari de Souza, Kamila Karine dos Santos Wanderley e Débora Mate Mendes

Caderno Educação Escolar de Fronteira, Zuila Guimarães Cova dos Santos

Site

<http://praticaseducativas.org.br>

CADERNO EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Conheça as pesquisadoras

3

Quilombando: estágio de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico

5

Quilombo Nazaré

18

O processo de elaboração do Projeto Político-Pedagógico do Território Quilombola de Conceição das Crioulas (PPPTQ)

30

Outros projetos destacados de educação escolar quilombola

41

Iniciativas mapeadas • Educação Escolar Quilombola

45

Conheça as pesquisadoras



GIVÂNIA MARIA DA SILVA

Educadora e quilombola atuou em sala de aula em escolas públicas por 20 anos. Graduada em Letras e especialista em Programação de Ensino e Desenvolvimento Local Sustentável. Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação pela Universidade de Brasília (2010-2012) e doutoranda do curso de Sociologia na mesma Universidade (2017- 2020). Pesquisa educação escolar quilombola, organização de mulheres quilombolas e questões de terras em quilombos. Membro fundadora e integrante dos coletivos de mulheres e de educação da CONAQ.

Currículo Lattes 

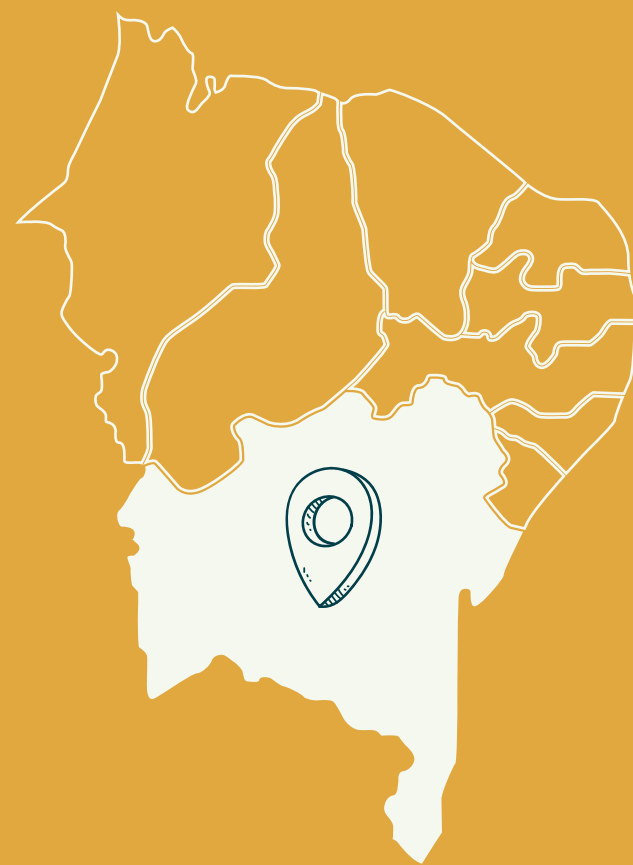


NÁDIA CARDOSO

Ativista da igualdade racial e de gênero em Salvador. Graduada em Antropologia (Universidade Federal da Bahia). Especialista em Direitos Humanos (Ministério Público/ Universidade Estadual da Bahia); Mestre em Educação (Universidade Estadual da Bahia). Doutora em Cultura e Sociedade (Universidade Federal da Bahia). Ex-coordenadora de Diversidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA). Professora da Rede Municipal de Educação de Salvador, trabalhando há 4 anos numa escola quilombola de Ilha de Maré. Em 2015, elaborou Relatório Antropológico para início de processo de regularização da terra da comunidade quilombola de Lagoa do Zeca (BA), como consultora da Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial do Governo do Estado da Bahia.

Currículo Lattes 

QUILOMBANDO: ESTÁGIO DE VIVÊNCIA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO VELHO CHICO



Bom Jesus da Lapa – BA
Paratinga – BA
Serra do Ramalho – BA
Malhada – BA
Carinhanha – BA
Sítio do Mato – BA
Múquem do São Francisco – BA
Barra – BA

REGIÃO NORDESTE

Localização:

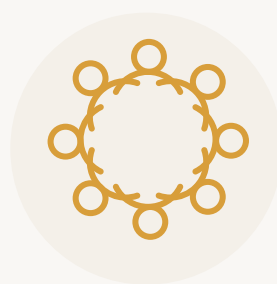
Quilombos: Rio das Rãs (Bom Jesus da Lapa), Araçá-Cariacá (Bom Jesus da Lapa), Bebedouro (Bom Jesus da Lapa), Lagoa do Peixe (Bom Jesus da Lapa), Juá-Bandeira (Bom Jesus da Lapa), Fortaleza (Bom Jesus da Lapa), Poção de Santo Antônio/Lagoa do Jacaré (Paratinga), Mangal Barro Vermelho (Sítio do Mato), Pau D'arco/Parateca (Malhada), Tomé Nunes (Malhada), Estreito (Carinhanha), Pambú (Serra do Ramalho), Água Fria (Serra do Ramalho), Barreiro Grande (Serra do Ramalho), Fazenda Grande (Múquem de São Francisco), Torrinha (Barra) – Bahia

Pesquisadora:

Nádia Maria Cardoso da Silva

O Quilombando: estágio de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico é uma das práticas mais inspiradoras de educação quilombola da Bahia que acontece no Território do Velho Chico, no qual se localizam 45 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares. O projeto interinstitucional é desenvolvido em três universidades baianas – Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – e consiste no envio de estudantes dessas universidades para uma vivência educativa completa nas comunidades quilombolas do Território do Velho Chico.

O município de Bom Jesus da Lapa/BA, que agrega 10 dessas comunidades, é um lugar marcante para a organização política dos quilombolas no Brasil. Após criar uma Coordenação de Diversidade, a cidade aprovou as Diretrizes Municipais de Educação Escolar Quilombola (2019). O município se tornou um raro caso no Brasil por possuir regularização municipal e estadual das Diretrizes Nacionais da Educação Escolar Quilombola (2012).



Intersecção de saberes acadêmicos e quilombolas

O projeto é elaborado e coordenado pelo movimento quilombola local e estadual Central Regional Quilombola (CRQ) do Território Velho Chico, Conselho Estadual das Comunidades e Associações Quilombolas da Bahia (CEAQ-BA), Fórum Permanente de Educação Escolar Quilombola da Bahia e pelas/os professoras/es dessas universidades que, posteriormente, formaram um coletivo denominado Marilene Matos. O Quilombando consegue reunir saberes acadêmicos, quilombolas e ativistas, ao articular movimento quilombola, comunidades quilombolas e universidades.

O desenvolvimento das atividades do Quilombando permite o fortalecimento das práticas de educação

escolar quilombola de professoras/es, coordenadoras/es e diretoras/es das escolas dessas comunidades, através desse diálogo formativo com esses graduandos, à luz das Diretrizes Nacionais, Estaduais e Municipais da Educação Escolar Quilombola. Uma outra inovação importante do Quilombando é sua construção a partir dos movimentos quilombolas locais e sua articulação com os coordenadores regionais do Fórum Permanente de Educação Escolar Quilombola da Bahia. As demandas educacionais dessas comunidades levantadas a partir das ações do Projeto passam a ser pauta da agenda política do Fórum Permanente.



Graduandos no chão das escolas quilombolas

Sem acesso a processos de formação em educação escolar quilombola, as/os professoras/es geralmente acabam reproduzindo estereótipos dos quilombolas, como negros “escravos”, “fujões”, “perigosos”, “invasores”, “preguiçosos”, construídos desde o Brasil colonial, e reproduzindo a invisibilidade dos quilombos na história republicana. Essas situações afetam profundamente a autoimagem da criança na escola, desenvolvendo processos de subjetivação subalternos e inferiorizantes que interferem negativamente no desempenho e na trajetória escolar da criança e jovem quilombola.

Nessa perspectiva, o Quilombando é disruptivo, pois, ao levar graduandos (muitos deles, futuros professores) das universidades públicas para o chão das escolas quilombolas – estas geralmente localizadas em áreas de difícil acesso, “isoladas” e abandonadas dos/pelos poderes locais públicos de educação –, para conhecerem os valores e saberes das comunidades, mudanças fundamentais acontecem. Se constitui uma solução criativa, inovadora e diferenciada que permite aos jovens quilombolas fortalecerem suas subjetividades como quilombolas e aos graduandos construir novos valores em relação à matriz quilombola e negra de formação enquanto povo brasileiro.

Além disso, as oficinas realizadas pelos estudantes com a comunidade escolar contribuem principalmente para a implementação das diretrizes curriculares municipais, estaduais e nacionais da educação escolar quilombola, fazendo-a repensar sua prática educativa. Assim, colabora tanto indiretamente para o empoderamento dos estudantes quilombolas daquela comunidade, quanto diretamente. Nas rodas de conversas, os estudantes partilham com os jovens as suas vivências acadêmicas, apresentando a universidade, apontando as políticas de acesso estudantil, falando, a partir da experiência de cada uma/um, como é estar na universidade, quais possibilidades isso tem trazido para a vida deles, etc.

O Quilombando provoca ainda uma transformação muito forte no olhar dos graduandos, pois além de trazer novas perspectivas de temáticas de pesquisa, desenvolvem

uma consciência muito forte da necessidade de uma educação antirracista e que valorize a diferença quilombola, passando a questionar seus próprios currículos de formação. O projeto contribui efetivamente com os saberes acadêmicos ao conseguir associar ensino, pesquisa e extensão, pois o Quilombando é como aula de campo das disciplinas lecionadas pelos professores nas licenciaturas destas universidades. Antes, estas/es professoras/es criam nas suas universidades disciplinas como educação das relações étnico-raciais e educação escolar quilombola.

Significado do Quilombando na formação pessoal e profissional dos estudantes

Proporcionou pensar na importância de uma educação escolar quilombola voltada para as especificidades da comunidade, manutenção da cultura, empoderamento e afirmação de identidade. Educação essa que transforma e proporciona a ampliação de pensamento e de realidade, que seria ali o impulso para a mudança na vida dos jovens que se vêem tão distantes de ocuparem os bancos universitários, de servir a sua família e a sua comunidade com conhecimento obtido a partir do seu ingresso no curso superior.

Sheila Zillane Souza Almeida, estudante de Pedagogia/UNEB. Vivência no Quilombo Araçá-Cariacá, Bom Jesus da Lapa/BA, 2019.

A troca de saberes é ponto chave para a educação. O conhecimento só se constrói entre os seres e nesse projeto, mais uma vez, eu me realizo enquanto futura educadora, em riqueza de informação que o Quilombando traz para a comunidade acadêmica e como ele se preocupa em retornar para as comunidades.

Thaís Fátima Assis de Araújo, estudante de Pedagogia/UNEB, Vivência no Quilombo Barreiro Grande, Serra do Ramalho/BA, 2019



Devolutiva para as escolas quilombolas

Após terem êxito num processo de seleção, os estudantes de graduação participam de uma ação de formação/orientação para que possam se inserir concreta e respeitosamente no convívio cotidiano da comunidade, quando se apropriam das Diretrizes Curriculares Nacionais, Estaduais e Municipais da Educação Escolar Quilombola. Durante o “estágio” no quilombo, os estudantes desenvolvem atividades para coletar a história e a cultura local e interagem com a escola das comunidades para entender suas práticas pedagógicas. Os estudantes conversam com coordenadores e professores, elaboram juntos atividades e constroem memorial com elementos de uma cartografia social que traz as

narrativas dos moradores ouvidos durante a vivência. Os estudantes também dialogam com as pessoas mais velhas da comunidade para identificar práticas culturais e todo o processo de luta e resistência que aquela comunidade vem enfrentando.

Ao retornarem do convívio educacional com essas comunidades, os estudantes apontam observações a partir desse seu novo olhar construído nessa experiência vivenciada nas escolas quilombolas, fazendo novas reflexões e sistematizando-as dentro de um relatório. Assim, conseguem mapear as várias realidades educacionais das comunidades quilombolas, cujos desafios vão ser inseridos na agenda política do movimento

quilombola local e estadual: comunidades que estão com dificuldades de implementar a educação escolar quilombola porque os professores não tiveram acesso à formação continuada; escolas que tem um número muito grande de professores externos à comunidade; interferências das políticas locais dentro do espaço das comunidades, através das escolas, ao nomear gestores/as externos/as e alheios às questões essenciais de cada comunidade etc.

Por fim, nos relatórios, os graduandos registram todas essas situações e suas observações, os quais devem retornar como devolutiva para as comunidades e escolas quilombolas. Na Semana da Consciência Negra, organizada pelos professores/as e o movimento quilombola local, em Bom Jesus da Lapa, a experiência e as observações dos estudantes universitários nas comunidades são

socializadas. O Quilombando, portanto, é uma criativa proposta de formação de docentes, coordenadores e gestores de escolas quilombolas, que articula movimento quilombola, universidades e comunidades com foco na implementação das Diretrizes Municipais, Estaduais e Nacionais da Educação Escolar Quilombola.



Principal desafio enfrentado

O maior desafio enfrentado pelo Quilombando consiste na captação de recursos financeiros tendo em vista que as universidades envolvidas na ação extensionista não assumiram (até então) os custos do projeto. Essa dificuldade tem levado os coordenadores/as a construir estratégias diferenciadas juntamente com os/as estudantes participantes para captar verba, como venda de rifas, livro de ouro, confecção e vendas de artesanatos (chaveiros, bonecas abayomis etc). É dessa forma que o projeto vem sendo executado, com a mobilização e empenho daqueles que são diretamente envolvidos.

Trecho do poema: Quilombando

Autoria: Ádma Bernardino Magalhães

Quilombando que era um bando de meninos
Que atentos se lançando no destino
Procurando no povo de Araçá, Juá Bandeira e Fortaleza
Rio das Rãs, Lagoa das Piranhas a riqueza e a beleza
Vi firmeza essa grandeza do lugar
Vi estrelas brilhantes no sol sagrado/resistência
Abri caminhos para minhas novas ciências
Saltando do livro, encontrando o povo vivo,
construindo seu lugar.



Território Velho Chico e formação de professoras/es

O Território Velho Chico possui uma tradição de cursos de formação de professoras/es quilombolas, iniciada desde 2000. A partir daí o movimento quilombola local assume a organização dessas ações formativas. Entre os anos de 2016 e 2018 foi realizado o curso de formação para professores e lideranças quilombolas e demais moradores oriundos de diversas comunidades quilombolas do Território Velho Chico. Uma das atividades mais importantes da formação foram os intercâmbios realizados na Serra da Barriga (AL), onde se localizava o Quilombo dos Palmares, nas comunidades quilombolas de São Mateus (ES) e de Kalunga (GO).

Além disso, foi elaborado o curso formativo para a comunidade escolar de três escolas da Comunidade Quilombola de Rio das Rãs (2019), primeira comunidade do Brasil certificada como quilombola pela Fundação Cultural Palmares, e uma das primeiras comunidades a conquistar a titulação de suas terras no Brasil.

Percepção sobre a educação escolar quilombola

[...] não basta que haja escola, é necessário que a escola esteja ligada à vida, de portas abertas ao fluxo de saberes vindos e direcionados para a comunidade. [...] Quando pudemos entrevistar alguns pré-adolescentes, sonhos foram esboçados: veterinários, advogados, médicos e professores. Não duvido que muitos têm e terão o apoio dos pais para o que for necessário, mas, e a escola? Age a favor deles ou contra? Ela é responsável por uma parte importante do desenvolvimento, e, por isso mesmo, é quem abre e fecha portas na vida delas, que mesmo não sendo sentidas agora, poderão no futuro, como já foram sentidas na minha estadia na comunidade.

Jean Santos Itacarambi, estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades/UFOB, Vivência no Quilombo Pambú, Serra do Ramalho/BA, 2019



Para saber mais

ARTIGOS

BAHIA. Conselho Estadual de Educação. **Resolução n. 68**, de 30 de julho de 2013, publicada no Diário Oficial em 20 de dezembro de 2013. Estabelece normas complementares para implantação e funcionamento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, no Sistema Estadual de Ensino da Bahia.

BOM JESUS DA LAPA. Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Escolar Quilombola**. 2019. Disponível em: <<http://bomjesusdalapa.ba.gov.br/arquivos/publicacoes/120207201919121.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB n. 8**, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA**: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. 216 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Faculdade de Educação Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

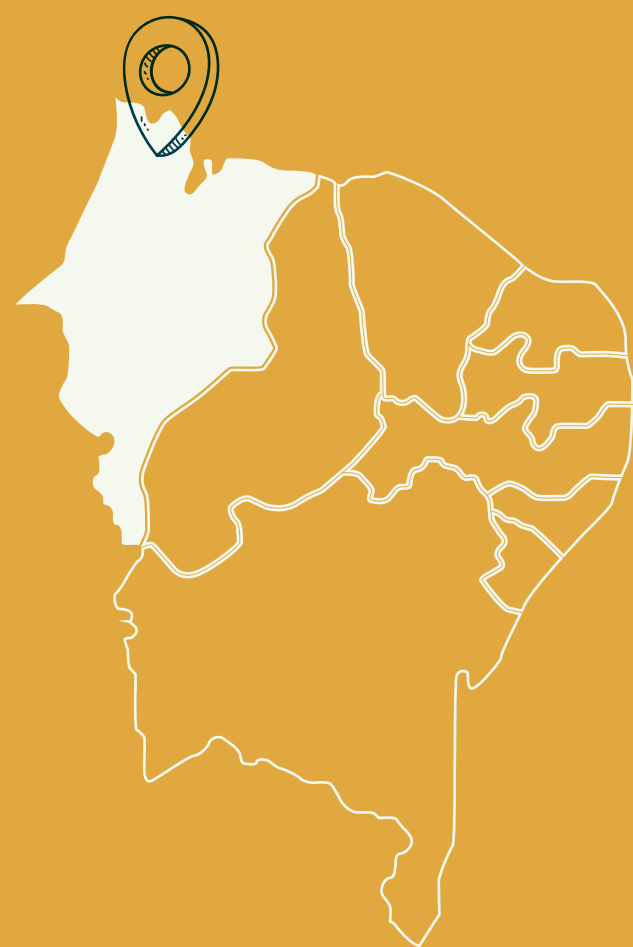
PIRES, Maria de Fátima Novaes; SANTANA, Napolitana Pereira; SANTOS, Paulo Henrique Duque Santos (Orgs.). **Bahia**: escravidão, pós-abolição e comunidades quilombolas: estudos interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, UNEB, 2018.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação Escolar Quilombola**: as pedagogias quilombolas na construção curricular. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

INSTAGRAM

@quilombando

QUILOMBO NAZARÉ



Serrano do Maranhão – MA
REGIÃO NORDESTE

Escola:

Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré

Localização:

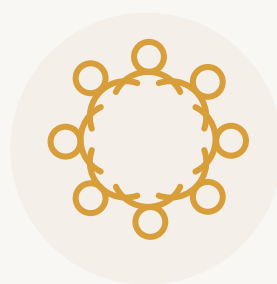
QuilombodeNazaré-SerranodoMaranhão, Maranhão

Pesquisadora:

Nádia Maria Cardoso da Silva

O **Quilombo de Nazaré** é uma das 11 comunidades quilombolas do território Mariano dos Campos, localizado no município de Serrano do Maranhão, no qual 94% da população é quilombola, a maior proporção do país. O quilombo fica a 100 km da capital do Maranhão, São Luís, mas para chegar, é necessário fazer uma viagem de 6 horas que inclui balsa, estrada de asfalto e de areia fofa.

Apresentamos aqui a experiência educativa do Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré do Quilombo de Nazaré como uma das práticas inspiradoras de educação que valoriza os saberes, identidades e princípios quilombolas e a autonomia da comunidade através da escola. Que a prática educativa do Quilombo Nazaré inspire milhares de outras no Brasil inteiro, inclusive, que ela inspire a sua própria comunidade a levar suas histórias e saberes incríveis para dentro do currículo da escola.



Uma educação que rompe com o eurocentrismo

Na escola do Quilombo de Nazaré, toda a comunidade escolar é quilombola – professoras/es, gestora, administrativo e estudantes. Como se isso já não bastasse para que o Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré fosse referência na implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola no Brasil, os mestres artesanais, agrícolas, medicinais, musicais, espirituais do Quilombo são tratados como educadoras/es dentro da escola. Além disso, seus saberes são aprendidos pelas crianças através de vivências pelo território quilombola e através de uma metodologia denominada pela comunidade como “sala de aulas sem parede”.

Portanto, é uma experiência escolar cujo currículo diz respeito à uma educação contextualizada que rompe com o eurocentrismo da educação escolar implantada no Brasil a partir da colonização portuguesa, na qual os saberes indígenas e negros ficaram do lado de fora dos muros das escolas durante muito tempo. E por fim, a prática escolar do Quilombo de Nazaré não quer educar suas crianças apenas para a valorização como negros e quilombolas, mas também para a valorização das outras diferenças – como gênero e sexualidade – incluindo dimensões importantes para os valores dessas comunidades, como espiritualidade, respeito ao meio ambiente e luta pelo território.

A prática educativa do Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré virou referência e tem sido bem avaliada. A secretária de Educação do Maranhão, em 2017, declarou ao Repórter Brasil seu desejo de que outras práticas escolares surjam a partir dessas boas práticas escolares do Quilombo de Nazaré, elogiou seu corpo docente e afirmou: “Isso nos ajudará bastante na proposta de implementar no município as diretrizes curriculares da educação escolar quilombola”.

É importante lembrar de um importante aliado da escola, o Movimento Quilombola do Maranhão (Moquibom), que além de ter como pauta importante a titulação dos territórios quilombolas, considera que também é central a implementação da educação escolar quilombola nas comunidades para constituição de uma organização quilombola emancipatória.

[...] não existe realmente paredes porque na nossa aula, a gente usa o território como conteúdo, como escola, o território é nossa escola também, né? A gente aprende, tem muita coisa da nossa identidade, do nosso modo de viver, que não dá para aprender dentro de uma sala fechada, entre paredes, tem que sair dela. Não tem paredes porque a gente não pode ficar entre as paredes para construir sentimentos de pertencimento e identidade ao nosso modo de vida que a gente vive no território.

*Leidiane Réges,
professora quilombola de Nazaré*



Saberes do quilombo

A proposta pedagógica do Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré está assentada em cinco eixos: identidade quilombola, identidade de gênero, ancestralidade de matriz africana, meio ambiente e o direito à terra. Um dos primeiros trabalhos realizados foi sobre a questão da **identidade quilombola**, no qual os saberes do Quilombo de Nazaré passaram a ser trazidos para dentro da escola. O primeiro eixo foi iniciado com a entrada dos saberes artesanais da comunidade sustentada pelo princípio de que as/os professoras/es não são as/os únicas/os detentoras/es do saber, pois, haviam pessoas na comunidade que, apesar de não terem escolaridade, são “doutoras/es” no que elas sabem

fazer. Portanto, as/os educadora/es comunitários são chamadas/os, muitas vezes através de salas sem paredes, para apresentarem às/aos estudantes seus saberes desenvolvidos nos seus fazeres artesanais, agrícolas, medicinais, musicais, etc.

A partir desse trabalho de fortalecimento da diferença quilombola, a escola foi incluindo outros temas interseccionais, alargando a percepção discente do direito à diferença, como por exemplo, **as diferenças de gênero**, segundo eixo, entendida não só como relacionada à mulher, mas também aos homoafetivos. Tal trabalho tem como eixo o princípio de que a luta quilombola local é por um território titulado e livre – do preconceito, do

racismo, do machismo, da homofobia/lesbofobia – de toda forma de opressão, no qual todas/os sejam respeitadas/os como seres humanos. Isso porque o Quilombo de Nazaré entende que seu território é sagrado, portanto, não pode ser violentado e que tais valores devem ser construídos dentro da escola, através da educação.

O terceiro eixo da proposta pedagógica é **a ancestralidade** de matriz africana na qual a espiritualidade tem um lugar importante, pois significa respeitar o sagrado – os encantados, os caboclos, os orixás. Respeitá-los significa não tomá-los como demônios, mas como guardiões de tudo que tem no território – das águas, dos animais, da flora, etc. Tudo isso desemboca no quarto eixo que é o **respeito ao meio ambiente**, a comunidade entende que a natureza é sagrada e a terra é a “mãe” que fornece o alimento material e espiritual,

portanto, não se pode plantar utilizando produtos com veneno.

O quinto eixo é **a luta pelo território** levada para a sala de aula como direito humano das comunidades quilombolas de viver nas suas terras ancestrais, na qual viveram suas/seus antepassadas/dos. A regularização de suas terras, para o Quilombo de Nazaré, é a possibilidade de não ser “escravizado” na contemporaneidade, conquistando com ela, autonomia para seu bem viver. Toda essa prática pedagógica é feita com muita **arte e cultura local** – há oficinas de tambor, de canto e danças tradicionais quilombolas. As crianças gostam tanto de dança que organizaram uma companhia de dança.



Escola quilombola resiste

Enfrentando políticas municipais de fechamento de escolas quilombolas, por serem construídas em taipa, transferências de professoras quilombolas comprometidas com a educação escolar quilombola e alocação de professores que moram muito distante da comunidade e que reclamavam das condições das estradas para seu deslocamento, o Quilombo de Nazaré consegue não só não fechar a escola, mas conquistar também o ensino fundamental II. Com isso, a comunidade se fortalece como quilombola. Esse processo é chamado de “a retomada”, ou seja, o Quilombo de Nazaré renasceu a partir da escola, se deu conta de sua potência histórica de luta e resistência quilombola, levando-a para a sala de aula.

Um dos grandes desafios da educação escolar quilombola no Brasil é ausência de escolas nas comunidades, forçando a infância e adolescência quilombola a se deslocarem através de longas caminhadas ou em transportes precários por estradas ruins para estudar em outras localidades. Esses são fatores que desestimulam os estudantes a dar continuidade aos estudos. Por isso que o Quilombo de Nazaré, em 2014, resistiu ao processo de fechamento de sua escola, acionando as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola, aprovadas em 2012, para defender o direito de suas crianças a estudarem na sua comunidade. Essa atitude do Quilombo de Nazaré é exemplo de como as

conquistas nas legislações educacionais vêm sendo importantes para os quilombos defenderem o direito à educação, historicamente negado.

Outro problema para a promoção da educação escolar quilombola no Brasil é a ausência de professores quilombolas, portanto, conhecedores da história e cultura das suas comunidades. A predominância nas escolas quilombolas é de professoras/es externas/os às comunidades que desconhecem e/ou não se identificam com seus valores, saberes e histórias. Tal fato vem dificultando a incidência desses conhecimentos no currículo das escolas e, mais do que isso, vem contribuindo para a consolidação de inferiorização na infância e adolescência quilombola, já historicamente afetada pelo racismo que estrutura a sociedade brasileira.

Portanto, o Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré nada lembra uma escola tradicional. A experiência escolar do Quilombo de Nazaré aposta em metodologias atraentes retiradas dos saberes quilombolas, a exemplo das “salas de aula sem paredes” que diz respeito às mudanças operadas na metodologia de ensino. As mudanças foram tomadas após, dentre outras motivações, ser constatado que a escola estava perdendo estudantes para o trabalho precoce e impróprio. As meninas para o trabalho doméstico, tanto na capital São Luís como fora do estado, em troca, na maioria das vezes, de roupa e de comida; e os meninos para o carregamento de carros e de caçambas para os empresários da extração ilegal de areia.



Principais desafios enfrentados

- Construção de estrada que interligue as comunidades quilombolas do território Mariano dos Campos, tanto para a ampliação da oferta do ensino fundamental para mais crianças quilombolas, quanto para levar os educandos de Nazaré para conhecer outras comunidades quilombolas vizinhas, suas histórias e saberes.
- Implantação do ensino médio.
- Compra, pela Secretaria de Educação do Município, de gêneros alimentícios para a escola da própria comunidade, como por exemplo, a

juçara (açaí), bacaba, bolo de tapioca, a farinha de puba, piqui, bacuri, quiabo, maxixe.

- Titulação do território do Quilombo de Nazaré.
- Formação inicial para professoras/es quilombolas (oriundos das comunidades) e dificuldade de encontrar professoras/es concursados identificados com a educação escolar quilombola.

Lembremos ainda que a luta do Quilombo de Nazaré não termina aí, antes ele teve que lutar também contra o sistema do foro, comum há muitas décadas na região. Sistema no qual,

fazendeiros, alegando ser donos das terras, mas sem documentação, obrigam os quilombolas a repartirem o que cultivaram após meses de trabalho, através da violência de seus capatazes. O Quilombo de Nazaré rompeu com esse sistema opressor na sua comunidade, contando com a parceria da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Tudo o que os alunos aprendem tem relação com o dia a dia da comunidade. Amazônia e cerrado ganham destaque nos debates em torno dos biomas brasileiros. A riqueza da juçareira, do babaçu e do tucum é usada como estímulo para a batalha pela preservação ambiental. Incentivar os estudantes a refletir sobre a importância da cultura e da espiritualidade de seus ancestrais é o ponto de partida para a valorização da identidade quilombola. Na sala de aula ampla e sem paredes do Quilombo Nazaré, na baixada ocidental maranhense, a cultura de origem africana é tratada com respeito. Nesse espaço, orixás, encantados e caboclos convivem em paz com divindades católicas.

Repórter Brasil, 2017

Trecho de crônica da estudante

Lucenilde Viana Café, 9º ano.

Dentro da escola temos oficinas, de tambor de crioula, valorizando as nossas raízes, a nossa cultura e a nossa espiritualidade que protege nosso chão sagrado que é o nosso território e que é o lugar de bem viver.

Em nossa escola aprendemos a valorizar o nosso plantio e cultivamos apenas com sementes crioulas, que são sementes naturais, livre de veneno que matam a vida dos animais, das pessoas e também mata o nosso chão sagrado.

A educação que temos no nosso quilombo é descolonizada e surgiu para alcançarmos nosso território livre para o nosso bem, mas também a nossa escola, faz um ensino que vem acabando com o racismo, preconceito e discriminação.



Para saber mais

ARTIGOS

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. **Conaq**. Disponível em: <<http://conaq.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

REPÓRTER BRASIL. **Retomada, o quilombo que renasceu na escola**. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/retomada-quilombola/retomada/>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

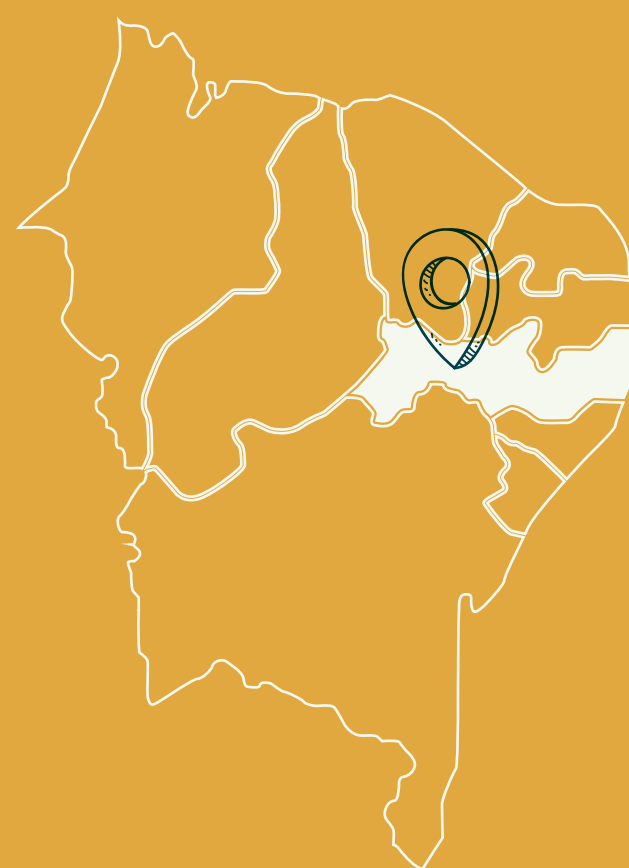
SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e Pesquisa da Universidade de Brasília (INCTI/UNB), 2015.

SOBRE O TATAME.COM. **Moquibom**: força e resistência quilombola no Maranhão. Disponível em: <<https://www.sobretatame.com/moquibom-forca-e-resistencia-quilombola-no-maranhao/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

UOL NOTÍCIAS. **Netas contam sobre o início do Quilombo Nazaré, no Maranhão**. Disponível em: <<https://videos.bol.uol.com.br/video/netas-contam-sobre-o-inicio-do-quilombo-nazare-no-maranhao-0402CD993872D8996326>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

_____. **Escola no MA ensina quilombolas a valorizar cultura de seus antepassados**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/12/21/escola-no-ma-ensina-quilombolas-a-valorizar-cultura-de-seus-antepassados.htm?-cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS (PPPTQ)



Salgueiro – PE
REGIÃO NORDESTE

Escolas:

- Escola Bevenuto Simão de Oliveira
- Escola José Neu de Carvalho
- Escola Rosa Doralina Mendes
- Escola Prof. José Mendes

Localização:

Quilombo de Conceição das Crioulas - Salgueiro/
Pernambuco

Pesquisadora:

Givânia Maria da Silva

O **Quilombo de Conceição das Crioulas** está localizado no município de Salgueiro, na região semiárida do estado de Pernambuco, 570 km da capital, Recife. Com uma população de aproximadamente 4.000 habitantes, o território quilombola de Conceição das Crioulas é formado por sítios (núcleos familiares) e cercado por serras.

O Projeto Político-Pedagógico do Território Quilombola (PPPTQ), comum às quatro escolas do quilombo, foi construído em diálogo com a comunidade. A origem e a construção do PPPTQ estão relacionadas com o processo histórico do povo que, desde o início da caminhada, percebeu que a luta coletiva proporciona conquistas. Por isso, conquistar a autonomia, no que se refere à educação escolar, tem sido para o povo quilombola de Conceição uma busca constante. A autogestão do território pelo qual tanto se lutou e continuam lutando só é possível se a educação escolar assumir a missão definida no estatuto da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), que é “promover o desenvolvimento integral do quilombo de Conceição das Crioulas, fortalecer a luta política, a identidade étnica e a causa quilombola”.

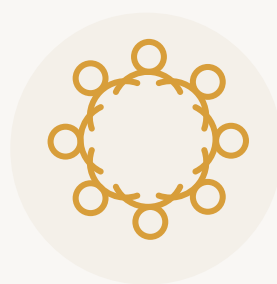


Construção do PPPTQ em diálogo com a comunidade

Em 2003, para definição técnica e política do Projeto Político-Pedagógico (PPPTQ), as escolas José Neu de Carvalho e Benvenuto Simão de Oliveira (ensino infantil e fundamental anos iniciais), a escola Professor José Mendes (anos finais do ensino fundamental) e a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) realizaram uma pesquisa envolvendo cerca de 300 pessoas do território, obedecendo os critérios de gênero, geração e localidade (núcleos) do território.

Durante esse processo foram realizadas várias ações de consulta à comunidade: pesquisas, entrevistas, seminários, oficinas, encontros envolvendo jovens e lideranças mais velhas, pais, mães e crianças, com o objetivo de

identificar o que a comunidade definia como Educação Quilombola e Educação Escolar no Quilombo de Conceição das Crioulas. As pessoas envolvidas nas atividades não precisavam estar necessariamente ligadas ao sistema formal de ensino, reconhecendo que os saberes territoriais e as ciências quilombolas não advêm apenas de dentro da escola. O território quilombola em si é um espaço de construção de conteúdos que precisam fazer parte do currículo escolar a partir de uma escuta sensível e respeitosa aos quilombolas de cada território quilombola. Assim foi construído o PPP, em diálogo com a comunidade e suas quatro escolas.



Resistência para a construção de uma “educação diferenciada”

Até 1995, as pessoas do quilombo só acessavam as séries iniciais do ensino fundamental da educação básica. Todos que queriam continuar seus estudos precisavam sair do quilombo. Sem perspectivas e sem políticas públicas, a partir da década de 80, com as grandes estiagens no Nordeste, as fazendas entraram em declínio.

Conceição das Crioulas identificou a educação como a possibilidade de realizar uma mudança na política local (Salgueiro): elege-se uma professora ligada aos movimentos da Igreja Católica (catequese, Comunidades Eclesiais de Base). Além disso, a comunidade reivindicou

a construção de uma escola e a implantação do ensino fundamental, anos finais. Assim, nasceu a Escola Professor José Mendes, como referência para abrigar o debate sobre a vida dos quilombolas, a organização, as políticas públicas e as lutas já estabelecidas para retomar o território crioula. Era a primeira vez que um equipamento público ganhava, por decisão da comunidade, o nome de um descendente das crioulas, Professor José Mendes.

A prática e a autonomia de memorizar em equipamentos públicos nomes de pessoas da comunidade ganharam força e se fez realidade. Bevenuto Simão¹, Professor

¹ Líder comunitário e tocador de pífano (instrumento de sopro). Líder nato, por muito tempo formou novos tocadores de pífanos e coordenou a banda de pífano de Conceição das Crioulas e animava os festejos religiosos na região. A banda de pífano é um símbolo de Conceição das Crioulas e embala o Trancelim, dança local.

José Mendes² e Professora Rosa Doralina Mendes³ (escolas), Mãe Magá⁴ (Posto de Saúde), Gielene Rosa⁵ (Casa da Juventude), Francisca Ferreira⁶ (Casa do Artesanato) e Afroindígena⁷ (Biblioteca). O que antes eram debates nos grupos de jovens, na catequese, nas CEBs e no Sindicato foi transformado em currículo escolar.

O que era apenas sonho, virou realidade. Hoje se completa o ciclo da educação básica (infantil ao ensino médio) no próprio quilombo e com professores(as) também quilombolas. Os professores(as) concursados ou contratados temporariamente, por exigência de lei municipal, precisam ser do quilombo e não podem mais ser estranhos ao território.

2 Um autodidata e mestre quilombola que lecionava para as famílias da comunidade. Não havia em seu tempo nenhuma escola no território. Sem vínculo com o Estado, recebia da comunidade, como pagamento pelo seu trabalho e reconhecimento como mestre, alimentos (feijão, milho, farinha), já que seu tempo era dedicado à educação.

3 Professora quilombola aposentada da rede municipal de ensino de Salgueiro, falecida em um trágico acidente em 2010. Iniciou seu trabalho como professora leiga, formando-se em magistério já próximo de sua aposentadoria.

4 Parteira da comunidade. Dotada de saberes da saúde, ajudava as mulheres no parto e mesmo antes, correspondendo ao pré-natal nos dias de hoje. Sem vínculo formal com o sistema de saúde e como não havia serviços de saúde na comunidade, Mãe Magá cuidava das mulheres e era capaz de diagnosticar quando a gravidez era de risco, recomendando cuidados médicos. Não se tem histórico de erros em seus diagnósticos.

5 Jovem quilombola, falecida em um acidente em 2010, mesmo acidente que vitimou a professora Rosa Doralina Mendes e mais duas outras lideranças – Antônio Francisco de Oliveira (agricultor e artesão) e Luiza Maria de Silva (agricultora e artesã) – e deixou uma das suas principais lideranças comunitárias em cadeiras de rodas, Valdeci Maria da Silva.

6 Uma das seis primeiras mulheres a chegarem para fundar o quilombo de Conceição das Crioulas. Conta-se que ela era a líder do grupo.

7 Espaço de manutenção da memória indígena e quilombola e de reconhecimento da aliança parental e de resistência desses dois povos.

É diante desse cenário e contexto que se inicia a construção do Projeto Político-Pedagógico das Escolas Quilombolas de Conceição das Crioulas, fundamentando-se em um diagnóstico de exclusão e resistência. É preciso registrar que a organização da comunidade e o reconhecimento da gestão municipal (uma professora) foram fundamentais para garantir autonomia sobre o pensar e para efetivar a educação em Conceição das Crioulas. Passamos a construir uma educação que batizamos de “educação diferenciada”.

No mesmo ano [1995] surgiu a escola e aí começou um processo de fortalecimento da identidade das pessoas. Um dia a gente levava as pessoas mais velhas para a escola para contar sua história. E as pessoas começaram lá a entender os seus direitos e começaram a lutar, formando novos grupos. E aí surgiu a AQCC [Associação Quilombola de Conceição das Crioulas].

Márcia Nascimento, educadora. Vídeo Dá certo - Conceição das Crioulas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=jks4aTDNzrk&feature=emb_title



A estrutura do PPPTQ

O PPPTQ estrutura-se em sete eixos: a) Território; b) História; c) Identidade; d) Organização; e) Saberes e conhecimentos próprios; f) Gênero; g) Interculturalidade. Cada eixo possui uma descrição relacionada com a realidade do território. É por meio deles que se estabelecem os processos de ensino-aprendizagem dos estudantes quilombolas e não quilombolas que frequentam as escolas de Conceição das Crioulas. É possível afirmar que alguns resultados alcançados pelo território quilombola de Conceição das Crioulas têm como base o processo de elaboração e de efetivação do PPPTQ:

1. os estudantes da comunidade podem completar a educação básica no próprio território;
2. a ampliação da oferta do ensino em todas as modalidades da educação básica;
3. os/as docentes da rede municipal são exclusivamente da comunidade, Lei Municipal nº 1.813/2011, que cria a categoria de professor(a) quilombola no sistema de ensino;
4. todos/as docentes possuem curso superior e, pelo menos, uma especialização *lato sensu* e algumas com mestrado;
5. os/as docentes e jovens têm se habilitado em práticas de elaboração de material didático (jornal, vídeo, livros) exclusivos para atender ao propósito da educação

escolar estabelecida no PPPTQ, já que não há incentivo dos órgãos públicos municipal, estadual e federal para este fim;

6. o retorno de pessoas entre 30 a 70 anos à escola, o que se distancia de alguns conceitos externos, a exemplo de distorção idade/série, etc.;

7. o surgimento de novas lideranças territoriais, maioria mulheres, comprometidas com as lutas do território quilombola de Conceição das Crioulas em todas as áreas;

8. o envolvimento das escolas do território na elaboração do Plano de Gestão Territorial de Conceição das Crioulas. Aqui estão presentes as áreas desapropriadas pelo governo federal (2010-2015);

9. o fortalecimento da consciência, do pertencimento e da identidade e da autoestima de jovens e adultos quilombolas;

10. a permanente luta dos quilombolas para se manterem em seu território, algo recuperado nas últimas décadas;

11. o território como o grande espaço de aprendizagens, aquisição e trocas de saberes.



Capacidade política-organizativa das mulheres quilombolas

Acredita-se que as serras fizeram parte das estratégias de resistência das mulheres, abrigando-as para garantir-lhes liberdade. A descendência das famílias quilombolas de Conceição das Crioulas confirma o pertencimento a seis mulheres livres que chegaram à localidade, seguidas tempos depois por uma outra pessoa de nome Francisco José, que traz consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

As mulheres crioulas fazem uma promessa, se caso conseguissem se tornar donas de uma área de terra correspondente a três léguas⁸ em quadra (cerca de dezesseis

mil hectares), dariam um pedaço para fazer uma capela para devoção à Santa. Em 1802, com recursos advindos da fiação do algodão, as crioulas se tornaram donas da área e doaram um pedaço de terra para construção da capela que ficou conhecida como Capelinha de Nossa Senhora da Conceição das Crioulas. As narrativas orais apresentam a história das crioulas como símbolo de poder, autonomia, liberdade e de articulação entre os sítios (núcleos), reforçando o sentido de unidade e a cumplicidade com o povo indígena Atikum, com quem se tem uma relação parental.

⁸ Léguas era a denominação de várias unidades de medidas de itinerários utilizadas em Portugal, Brasil, e em outros países, até a introdução do sistema métrico. As várias unidades com esta denominação tinham valores que variavam entre 2 e 7 quilômetros. Ainda hoje se usa nessa região de Pernambuco como medida.

Logo se percebe a capacidade política-organizativa das mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas e a luta das mulheres: as crioulas e Nossa Senhora da Conceição. Somos frutos da resistência de mulheres negras e de um povo indígena. Porém, de um lugar de liberdade e de uma terra de mulheres, entre 1920 a 1940 esse território foi invadido por fazendeiros da região e os descendentes das crioulas passaram a não ter mais acesso à terra herdada e conquistada pelas crioulas, nem mesmo para construir suas casas. É nesse momento que muitas pessoas, principalmente os jovens, deixam o território em busca de trabalho.

Junto da escola a gente fortalecia toda essa questão da procura por um conhecimento intelectual dentro da comunidade, que nos era negado antes. Porque a gente só estudava até a quarta série.

Adalmir José da Silva, professor. Vídeo Dá certo - Conceição das Crioulas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=jks4aTDNzrk&feature=emb_title



Para saber mais

ARTIGOS

NASCIMENTO, Márcia Jucilene. **Por uma Pedagogia Crioula:** memória, identidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE. Brasília: MESPT/UnB, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SILVA, Givânia Maria. **Educação como processo de luta política:** a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de conceição das crioulas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

ZIDANES, Anna Elisa do Nascimento. **Conceição das Crioulas:** história de uma educação feita de histórias, memórias que inspi-

ram lutas. 123 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Instituto de Educação/ 2ºCiclo Museologia, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/anna_zidanes.pdf. Acesso em: 05 ago. 2020.

VÍDEOS

Dá Certo - Conceição das Crioulas:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=jks4aTD-Nzxc&feature=emb_title.

Bibliotecas Mais Cultura - Biblioteca Afro-Indígena de Conceição das Crioulas - Salgueiro (PE): https://www.youtube.com/watch?time_continue=24&v=A_JN4Y2SxUM&feature=emb_tite.



Outros projetos destacados de educação escolar quilombola

EMPODERAMENTO FEMININO

Local de realização: Escola Bem-Te-Vi /Extensão do território Águas do Velho Chico, no Quilombo Umburana, município de Orocó/PE.

Tópico/tema de destaque: gênero.

O projeto trata das questões de gênero, visibilidade e autonomia comunitária. Desde 2018, o Governo do Estado de Pernambuco, por meio da Secretaria de Educação, encaminha para as escolas da rede estadual o Projeto Mulher. A ideia do Projeto Mulher é as escolas

vivenciarem no mês de março experiências de ações de mulheres em alusão ao Dia Internacional da Mulher.

A equipe pedagógica da Escola Bem-Te-Vi /Extensão Quilombola Águas do Velho Chico, localizada na Comunidade Quilombola Umburana, município de Orocó-PE, tomou como estrutura, para as ações da escola referentes às questões de gênero e raça, o apoio dos estudantes e da comunidade. A escola desenvolveu um conjunto de ações voltadas para a superação de alguns problemas pré-identificados.

A equipe prepara o projeto e os estudantes se envolvem nas ações, como a criação de páginas nas redes sociais para divulgar a programação. Os trabalhos escolares são mensagens educativas com temáticas sociais e têm como objetivo transmitir informações com foco no trabalho das mulheres, sobre a cultura, a economia local, a identidade quilombola e a luta pela terra. A partir dos temas, várias ações, além da criação das páginas, são desenvolvidas: palestras, exposições, plenárias, dia da beleza, oficinas de dança e música, dentre outras. Todas as atividades são coordenadas pela equipe pedagógica, compartilhando com estudantes e lideranças comunitárias.

O projeto está no 3º ano e cada vez mais vem ampliando a participação da comunidade, não apenas como ouvintes, mas, sobretudo, no envolvimento e realização

das ações do projeto junto aos professoras(es) e alunas(os). A mudança no comportamento dos estudantes em relação a questões de gênero, raça e a afirmação da identidade, enquanto sujeito quilombola, pode ser considerada como um dos resultados positivos do projeto Empoderamento Feminino.

O envolvimento com as questões do território, a luta pela terra e contra as violências de gênero são pontos que não se resumem ao território e à escola onde a ação se desenvolve, também se estendem de forma mais ampla. O debate sobre o papel das mulheres, a luta pelo direito à terra e à educação guardam semelhanças com Conceição das Crioulas.

TV QUILOMBO

Local de realização: Quilombo de Rampa, Unidade Escolar São Bartolomeu, Vargem Grande/MA.

Tópico/tema: juventude, mídia e identidade.

Um grupo de jovens do quilombo da Rampa, no município de Vargem Grande/MA, percebeu que uma das dificuldades dos quilombolas, inclusive dos estudantes, era aceitarem a sua condição e identidade quilombola pelos vários estigmas que são submetidos. Então, o grupo de jovens resolveu elaborar uma ação em parceria com a escola, chamada TV no Quilombo, usando as redes sociais e a imagem deles próprios para debater temas como cultura, autoestima e as territorialidades da juventude. A ação consiste em fortalecer a identidade de crianças e jovens por meio da imagem, de leituras e

de oficinas em diversas áreas (dança, tambor de crioula, estética e beleza negra, entre outras).

A falta de materiais adequados que tratem da cultura negra e quilombola nas escolas, a ausência de biblioteca, onde os estudantes possam acessar leituras que contribuam com os temas já identificados como emergentes na vida da comunidade, fez com que os jovens fizessem, além da TV, uma biblioteca.

Na biblioteca, ação integrada com a TV no Quilombo, as pessoas ao pegarem os livros fazem um cadastro e o leitor diz: “eu peguei o livro (diz o nome do livro)”. Tem um tempo estipulado de permanência do livro em poder do(a) leitor(a). Ao ler, e no ato da devolução do livro, o(a) leitor(a) diz: “eu li e devolvi”. Além disso,

deixa alguma informação sobre a leitura, uma espécie de resenha daquele livro. As oficinas e cursos são feitos junto à escola e transmitidos pela TV no Quilombo, um canal no Youtube, e depois são transformados em apoio didático para as escolas e espaço de formação para a juventude.



INICIATIVAS MAPEADAS • Educação Escolar Quilombola

PROJETO	ESCOLA(S)	ESTADO
“DO BURACO AO MUNDO” – SEGREDOS E RITUAIS DE UM QUILOMBO-INDÍGENA	• Escola Estadual Indígena Manoel Miguel do Nascimento	PERNAMBUCO
BRINCANDO E APRENDENDO COM BONECAS NEGRAS NO QUILOMBO DE BARRANCO DE SÃO BENEDITO	• Escola Estadual Luizinha Nascimento • Escola Estadual Plácido Serrano • Escola Estadual Primeiro de Maio • Escola Municipal Lóris Cordovil • Escola Santa Luzia	AMAZONAS
CAPOEIRA QUILOMBOLA	• Escola Joaquim Garcia dos Anjos no Quilombo Gameleira	RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA DE NAZARÉ	• Centro Educacional Nossa Senhora de Nazaré	MARANHÃO
CHÁ DE MEMÓRIAS	• Escola Fernando Augusto no Quilombo de Alto Alegre	CEARÁ
EMPODERAMENTO FEMININO	• Escola Bem-te-vi • Extensão Águas do Velho Chico	PERNAMBUCO
ESCOLA ANA NERI	• Escola Ana Neri	RONDÔNIA

PROJETO	ESCOLA(S)	ESTADO
ESCOLA DE FORMAÇÃO NEGRO COSME	• Não se aplica	MARANHÃO
ESCOLA GENERAL SAMPAIO	• Escola General Sampaio	RONDÔNIA
ESCOLA MUNICIPAL SANTA RITA	• Escola Municipal Santa Rita	BAHIA
ESCOLA REUNIDA BARROSO	• Escola Reunida Barroso	BAHIA
FORMAÇÃO PROFESSORES(AS) E DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	<ul style="list-style-type: none"> • Educandário Méritos • Esc Municipal Fornalha • Escola Municipal Barra do Boqueirão • Escola Municipal Barreirinho • Escola Municipal Bom Jardim • Escola Municipal de Poção • Escola Municipal Lagoa do Capim • Escolinha Manoel Gomes • Unidade Escolar Alto Do Jacú • Unidade Escolar Amparo • Unidade Escolar Ana Josefa • Unidade Escolar Elpídio Rodrigues Coelho • Unidade Escolar Francisco Tolentino Neto • Unidade Escolar Henrique Benvindo De Sousa • Unidade Escolar Henrique Marques De Sousa 	PIAUI

PROJETO	ESCOLA(S)	ESTADO
<p>FORMAÇÃO PROFESSORES(AS) E DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade Escolar Hermenegildo de Sousa • Unidade Escolar João Pereira Da Mata • Unidade Escolar José de Sousa Marques • Unidade Escolar Justino Cecílio dos Santos • Unidade Escolar Leocádio Teixeira • Unidade Escolar Luís Marques De Sousa • Unidade Escolar Luís Martinho Tolentino • Unidade Escolar Manoel Rodrigues de Sousa • Unidade Escolar Marciano Alexandre de Sousa • Unidade Escolar Mariano Martins Unidade Escolar Moco • Unidade Escolar Padre Teixeira • Unidade Escolar Paulino Pereira da Mata • Unidade Escolar Santa Maria • Unidade Escolar Santo Antônio • Unidade Escolar Severo Brito • Unidade Escolar Tomaz Francisco de Sousa • Unidade Escolar Vereda Extensa • Unidade Escolar Vicente de Sousa Marques 	<p>PIAUÍ</p>
<p>PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Benvenuto Simão de Oliveira (ensino infantil e fundamental I) • Escolas José Neu (ensino infantil e fundamental I) • Prof. José Mendes (fundamental II) • Rosa Doralina Mendes (ensino médio) 	<p>PERNAMBUCO</p>
<p>PROJETO QUILOMBANDO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escolas quilombolas do Território do Velho Chico 	<p>BAHIA</p>

PROJETO	ESCOLA(S)	ESTADO
<p>PROJETO QUILOMBO – TERRITÓRIO SAGRADO EM FOCO: QUILOMBO DA ILHA DE SÃO VICENTE (ARAGUATINS/TO)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Colégio Militar do Município de Araguatins • Escola Daniel Berg • Escola Estadual Denise 	<p>TOCANTINS</p>
<p>TV NO QUILOMBO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo de Jovens e a Escola Unidade Escolar São Bartolomeu 	<p>MARANHÃO</p>



FLACSO
BRASIL